

---

## **AGENTES DO SAMBA: UMA PROSA SOBRE A DANÇA DOS DIAS DOS AGENTES DE SAÚDE**

Patrícia Peterli Partichelli

Graduada em Psicologia pelas Faculdades Integradas São Pedro – FAESA

Anelise Nunes Gorza

Psicóloga, mestre em Estudos da Subjetividade – Faculdades Integradas São Pedro – FAESA

---

**ISSUE DOI: 10.5008/1809.7367.011**

---

### **RESUMO**

A partir de um percurso de dois anos (2006-2008) pelos bairros Aparecida, Presidente Médice e Retiro em Cariacica/ES, este artigo se propõe a prostrar sobre o fazer cotidiano da profissão agente de saúde, procurando produzir problematizações entre experiências, arte e um fazer recheado de dança, passos e impasses, passando pela apresentação do morro como local de trabalho e habitação – “morro-casa” – e pela profissão de agente de saúde como alguém disposto a compor novos olhares sobre o território.

Palavras-chave: Agente de saúde. Prática. Cotidiano.

### **ABSTRACT**

Coming from a route of two years (2006-2008), around three neighborhood Aparecida, Presidente Médice and Retiro in the city of Cariacica- E.S, the purpose of this article is to talk about the daily activities of the health agents, attempting to create issues among experiences, creativity, and activities full of dancing, steps and deadlock, going through the presentation of the shanty town as a place of work and living- “shanty town-home”-, and through the profession of the agent as someone who is available to add new visions about that places.

Keywords: Health agent. Practice. Routine.

### **INTRODUÇÃO**

Em meados de 2006, um grupo de estagiárias de Psicologia da FAESA começou a acompanhar os casos de moradores com transtorno mental, os ditos “casos de saúde mental”, demandados pelos bairros Aparecida, Presidente Médice e Retiro, no município de Cariacica, Espírito Santo. A proposta seria promover integração entre o Programa de Saúde Mental com

a Atenção Básica, visando a garantir melhor encaminhamento do usuário aos serviços abrangidos pela rede de saúde mental – como as Unidades Básicas de Saúde, o CAPS Moxuara e os estagiários do Curso de Psicologia –, permitindo a ampliação da acessibilidade desses usuários aos serviços de saúde mental do município.

O acompanhamento dos casos de saúde mental previa não somente o apontamento de questões individuais, mas também a problematização de situações cotidianas, sempre relacionando ações que focassem a melhoria da qualidade em saúde tanto dos acompanhados, quanto dos agentes de saúde.

O presente artigo, então, é resultado de algumas dessas problematizações do cotidiano dos 20 agentes de saúde do PACS dos referidos bairros, num período estendido entre junho de 2006 e julho de 2008, visto que os agentes são, ao mesmo tempo, moradores, vizinhos e, muitas vezes, amigos das pessoas que acompanham. O objetivo é discutir acerca das diferentes formas de acolhimento e promover espaços de crítica e reflexão da prática do trabalhador da saúde, analisando seus vínculos com a comunidade, inicialmente, passeando pelo morro como local de trabalho e moradia e proseando sobre um fazer permeado por improviso – “dança dos dias” – e impasses. Bem-vindo ao morro!

## **ABRE ALAS: MORRO EM MOVIMENTO**

Morro é inclinado: para cima, para baixo, para os lados. Vem sempre acompanhado de música e rende-se ao cambaleio da dança, porque o morro é bêbado. E isso hora alguma é maldizê-lo. Morro faz ziguezague para manter-se em pé, ou mais, para manter-se vivo. O morro é o próprio ziguezague. Passistas nos sobrados, pandeiros nas vielas, cavaquinhos nas ruelas

mantendo a dança, o choro e o samba – chorinho; o repique, o corisco da bala que come; o coro de gente cantando, sambando e aplaudindo, o coro da gente suando, subindo e descendo pelos labirintos que se fazem entre as casas e os becos, entre as gentes e os guetos, entre os passos e as danças: morro em movimento.

Para poder penetrar no labirinto, percorrê-lo, faz-se necessário saber seguir, com os passos, a música dos seus meandros. Em lugar de andar, é preciso saber dançar. O espaço da vertigem é o espaço dançado: ou o acompanhamos, ou caímos no vazio. Para dominar o labirinto, é preciso voar, mas antes de aprender a voar, é necessário aprender a dançar. O labirinto implica o aprendizado da dança (JACQUES, 2003, p. 85).

Morro é feito de terra. Concreto. Sol. Lajota. Arroz. Madeira. Telha. Sal. Areia. Chuva. Ferro. Berro. Barro. Barraco de abrigar gente, pinto, corda, gato e sapato: entre com os pés descalços, em sinal de respeito. Retire o projeto e projete-se de ponta-cabeça. Sinta. Sentidos sem precisar de cinta. Abrigo de acasos e ocasos. Improvisos, incidentes. Barraco quando roda-a-baiana; barraco para abrigar as crianças: barraco para brigar e para acolher. Faces da palavra. “Ossos do ofício”. Barraco é briga: briga por terreno com a chuva que goteja, com o sol que abafa... Talvez, também, não. Barraco é abrigo para a chuva, para gente, pinto, para corda, para o sol, para gato e sapato: dá passagem ao clima e ao tempo.

Conforme nos conta Jacques (2003), a construção do barraco se faz por bricolagem. Técnica-de-favelado, *bricoleur*-por-necessidade:

[...] seu universo é fechado, e a regra de seu jogo é de sempre se arranjar com os ‘instrumentos de bordo’, isto é, com um conjunto a cada instante acabado de ferramentas e materiais, heteróclitos ao extremo, porque a composição do conjunto não se relaciona com o projeto do momento, e muito menos com algum projeto particular: ela é o resultado contingente de todas as ocasiões que se apresentaram para renovar ou enriquecer o estoque ou para mantê-lo com os resíduos das construções ou demolições anteriores (LÉVI-STRAUSS, 1992, apud JACQUES, 2003. p. 25).

Habitar o espaço e respeitar seu prazo de validade: abrigar-se nos espaços. Viver no gingado do tempo. Tic-tac: mudança.

[...] a grande diferença entre abrigar e habitar vem do fato de que abrigar é da ordem do temporário e do provisório, enquanto habitar é da ordem durável e do permanente. O abrigo é provisório mesmo que ele deva durar para a eternidade; a habitação ao contrário, é durável, mesmo que vá desmoronar amanhã. É essa relação com a temporalidade que faz a diferença (JACQUES, 2003, p. 26).

Morro é feito de dança, de salto-alto. Luxo. Exuberância. Beleza cotidiana. Firmeza do músculo e maciez no rebolado. Morro de arte.

A dança condensa a música e dilui a arquitetura. A dança transforma o espaço em movimento: temporaliza o espaço. A música, disciplina temporal, e a arquitetura, disciplina espacial, se casam na dança, disciplina do movimento (JACQUES, 2003, p. 85).

O morro é onde o café tem autor: é obra-prima; a casa muda de forma, formato, figura; a casa tem forma de loja – multifuncional – tem cara de porão, mas é só esconderijo, é só casa. O morro é onde a rua dobra e cede lugar aos movimentos sociais... e, então, calça-se uma rua, tapa-se um buraco com cimento, às vezes, o sol com a peneira...

Virando a esquina, lá está a feira, vendendo frutas da época, outras mais caras, calcinha, bacia, chá de camomila, chapéu... coisas úteis e desúteis. Mas os feirantes vendem de tudo e, quando não vendem tudo, deixam os olhos aguçados e a saliva espumando desejando uma próxima compra. Na falta de dinheiro e de frutas, bacias e chapéus para vender... percebe-se que há um corpo, e mais do que isso, uma vida, e mais do que isso, uma força criativa capaz de valorizar o corpo e a vida e gerar capital.

Então, canta-se o café artístico, o porão, o esconderijo, a rua descalçada... canta-se a vida em tom de humor e tragédia e a letra é escrita em linhas de escape. Instrumentos feitos de sucata e o que era lixo agora faz música. E lucra.

Todos e qualquer um inventam, na densidade social da cidade, na conversa, nos costumes, no lazer – novos desejos e novas crenças, novas associações e novas formas de cooperação. Cada variação, por minúscula que seja, ao

propagar-se e ser imitada torna-se quantidade social, e assim pode ensejar outras invenções e novas imitações, novas associações e novas formas de cooperação. Nessa economia afetiva, a subjetividade não é efeito ou superestrutura etérea, mas força viva, quantidade social, potência psíquica e política (PELBART, 2003, p. 139).

O morro é vivo. Morro pensante: por estar fora de foco, é forçado a criar, a pensar, pois, conforme afirma Deleuze (1992, p. 119),

[...] pensar é poder, isto é, estender relações de força, com a condição de compreender que as relações de força não se reduzem à violência, mas constituem ações sobre ações, ou seja atos, tais como ‘incitar, induzir, desviar, facilitar ou dificultar, ampliar ou limitar, tornar mais ou menos provável’ ... É o pensamento como estratégia.

E brotam formas de agir, de pensar, ser e de sentir, forjadas por instrumentos sociais que atravessam e constituem as relações com o mundo, consigo mesmo, com o outro... com a vida.

## **PARANGOLÉ DE AGENTE: CAMISA DE CARNE**

A noção de *Parangolé*, primeira obra criada por Hélio Oiticica após experienciar-se pela Mangueira, no Rio de Janeiro, vem como idéia para pontuarmos alguns impasses do fazer cotidiano pelos quais passam as agentes de saúde PACS/PSF dos bairros Aparecida, Presidente Médici e Retiro, em Cariacica, Espírito Santo.

Os *Parangolés* de Oiticica são como capas, talvez fantasias, são vestes que, somados com um corpo-suporte que dança, samba e incorpora a ginga da música e da vida na/da favela, constituem a obra.

O corpo é parte da obra. A ginga também é *Parangolé*. Não é só, mas é também. “O espectador não se torna somente participante (participador, segundo H.O.), torna-se também parte da obra quando a veste” (JACQUES, 2003, p. 32).

A experiência do *Parangolé*; a obra não é só capa, não é só veste; é sentir, vivenciar a delícia do improviso, do passo ao acaso, do corpo que mexe no ritmo que lhe convém.

A obra do artista fica, assim, completamente inacabada e aberta; ela depende da participação do outro. Não existe qualquer plano explicativo da sua utilização, nem indicações precisas, nem modelos preestabelecidos. O participante é deixado totalmente livre em sua ação (JACQUES, 2003, p. 32).

O *Parangolé* de agente é uma camisa verde. Não é só camisa, não tem só a cor verde, porque camisa verde no cabide, tal como as capas de Oiticica, “[...] são literalmente despidas de sua característica de *Parangolé*” (JACQUES, 2003, p. 37). A obra é uma junção de gente – agente – com a camisa, com o usuário – vizinho-espectador que também participa da obra – e com a dança diária pelos enredos das unidades básicas de saúde, dos atendimentos domiciliares ou com os próprios improvisos dentro de casa.

Algo acontece: de tão bem incorporada, depois do expediente, a camisa está no cabide, mas o *Parangolé* está pulsando nas palmas vindas do portão de fora de casa, pedindo por improvisos: a mesma dona-de-casa que mexe o feijão na panela é a agente que atende à vizinha hipertensa; a mãe que dá leite para o filho é a agente que visita o senhor acamado aos domingos; a mulher veste rosa para ir com o namorado ao samba e o passista agradece a presença da agente de saúde no sambódromo... e o *Parangolé de agente* é visto por todos, de todas as cores. Não é só camisa, não tem só a cor verde: é cor de carne.

*Parangolé de agente* desfila pelo morro após a missa, no supermercado, aos domingos em casa: é vivo. Haja pique, porque o tam-tam não pára. Mas o *Parangolé* corre nas veias, é estandarte com pele, com som, com arte... Samba que muda de jeitinho a cada visita. A cada caso, um novo encontro com batuque diferente e que contorce o *Parangolé* para todos os lados: salpica a pele e molha a camisa pelas baixadas, vielas; calor ao meio-dia na cabeça.

Pele exposta: ao sol, ao trabalho e à dança. “[...] Os movimentos do corpo que dança se transformam continuamente, como as fachadas dos abrigos das favelas” (JACQUES, 2003, p. 31).

É viver nas entrelinhas dos barracos, gingar com sambinha cabreiro ou batuque de lata. Bricolagem com os materiais que cada encontro proporciona. Ainda segundo Jacques (2003, p. 24), “[...] o acaso é parte integrante da idéia de bricolagem; é o incidente, ou seja, o pequeno acontecimento imprevisto, o ‘micro-evento’, que está na origem do movimento. Bricolar é, então, ricochetear, enviesar, zigue-zaguear, contornar”.

Parceria entre tijolo e cimento, machucado e esparadrapo, falar e ouvir, delírio e rua, tudo isso e vida... é a incompletude de um trabalho que a cada dia assume diferentes contornos, necessidades distintas, implica novas alianças. Dançar no ritmo da música e da gente: *Parangolé de agente*.

Agente de saúde trabalha segundo uma *lógica fragmentária*: incansável e que se mantém pela continuidade das ações que se renovam de acordo com as novas demandas que surgem a todo momento. O fragmento, conforme afirma Jacques (2003, p. 46):

[...] apesar de jamais ser único, não tem limite externo – o fora onde ele cai não é seu limiar – e, ao mesmo tempo, não tem limitação interna (não é o ouriço fechado em si mesmo); no entanto, algo de estrito, não por causa de sua brevidade (ele pode se prolongar como a agonia), mas por causa do estreitamento, do estrangulamento até à ruptura: os elos se arrebentam (eles não fazem falta). Nada de plenitude, nada de vazio.

Agente de saúde trabalha com coisa que cola e descola, com gente que vem e que vai, com prazos de validade não estabelecidos, daí tamanha atenção nas estratégias de trabalho, pois elas são precípeis e é preciso ficar atento para o momento de alternativas mais viáveis a serem criadas.

[...] os problemas e as soluções não são eternos mas forjados na complexidade dos jogos de forças que se atualizam e assumem formas variadas a cada momento. Assim, as verdades são provisórias e aparecem tanto como instrumento de dominação como de resistência (MACHADO, 1999, p. 158).

Forma, formato; cola, descola; joga fora, reaproveita. Processo de viver, descarte e encarte do que faz bem para aqueles que se encontram. Bricolagem todo o tempo. Produção de “bons encontros”, que, segundo Machado (1999, p. 25).

[...] ocorreriam quando um corpo compõe com o nosso e toda a sua força ou parte dela vem aumentar a nossa. Um **mais** de força não no sentido de um acúmulo de força mas no sentido de uma maior intensidade das forças ativas, que venha produzir uma outra qualidade de força, uma **potência de agir** (MACHADO, 1999. p. 225).

Agente de saúde produz com a comunidade abrigos para serem usados por uns tempos e renovados devido à chuva forte, ao vento ou a um material encontrado que seja mais útil que o antigo.

E que é a produção e subjetividade se não catar, substituir e descartar os materiais que dão sustentação à vida? Fazer do lixo utensílio, inventar, descobrir sobras atraentes e descartar as que não mais confortam ou não mais comportam as novas forças, como os abrigos das favelas ou os barracos dos morros, só que falamos ora de matéria, ora de forças.

Tal como a noção de fragmento exposta por Jacques (2003), a subjetividade não considera dimensões como “dentro e fora”, “interior e exterior” e, portanto, recusa a idéia de indivíduo como uno, único e entende o “outro” como corpo que se choca com outros corpos (humanos ou não) e produz tremores e transformações em seus contornos, tornando necessária a configuração de novos corpos nesse processo de interminável “construção-desconstrução-reconstrução” de modos de existir (ROLNIK, 1992). De acordo com esse mesmo autor, as



subjetividades dizem dos investimentos de desejos em forças variadas e com intensidades e graus distintos. “O contorno de uma subjetividade delinea-se a partir de uma composição singular de forças, um certo mapa de sensações” (ROLNIK, 1999, p. 2).

Segundo Caiafa (2002, p. 35),

A subjetividade terá um caráter processual – ela não é resultado, mas constantemente se engendra – e se produz por componentes heterogêneos: componentes sociais, materiais, sexuais, de poder, de mídia, etc. Não é a subjetividade como um receptáculo a receber influências do meio – uma ‘subjetividade do tipo recipiente’.

As agentes e seus *Parangolés* colaboram na produção de abrigos mais confortáveis para cada usuário – mesmo que o abrigo seja a rua –, uma dança mais livre, e a cada novo batuque ganham novos detalhes nos seus próprios *Parangolés*.

*Parangolé de agente*: camisa de carne. Sempre em confronto com as forças, provocando mudanças, lançadas ao imprevisto dos dias, dos contratos e suas renovações, da continuidade do seu trabalho e das novas configurações que ele assume com a saída e entrada de novos colegas de trabalho, acompanhado de sua área que morre, gente que já não precisa de acompanhamento domiciliar com tanta urgência; outros que precisam com emergência de uma visita... Uma relação que se constrói todos os dias, de formas inesperadas, com gingas que, embora tenham o mesmo batuque, não convêm os mesmos passos. “É como a situação de um pintor, que compra suas tintas na mesma loja. O que interessa é o que vai fazer com elas” (GUATTARI; ROLNIK, 2000, p. 53). *Parangolé de agente* não é só camisa, não tem só a cor verde: é cor de carne.

## REFERÊNCIAS

CAIAFA, Janice. **Jornadas urbanas**: exclusão, trabalho e subjetividade nas viagens de ônibus na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2003.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

GUATTARI, Félix.; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis. Ed. Vozes, 2000.

JACQUES, Paola Berenstein. **Estética da ginga**: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica. 2. ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

MACHADO, Leila Domingues. **Ética**: o rei está nu. In: BARROS, Maria Elizabeth (Org.). **Psicologia**: questões contemporâneas. Vitória: Ed. EDUFES, 1999.

PELBART, Peter Pál. **Vida capital**: ensaios de biopolítica. São Paulo: Iluminuras, 2003.

ROLNIK, Suely. À sombra da cidadania: alteridade, homem da ética e reinvenção da democracia. **Seção Ponto e Contraponto**: Boletim de Novidades, Pulsional – Centro de Psicanálise, São Paulo: Livraria Pulsional, n. 41, set.1992.

ROLNIK, Suely. Novas figuras do caos: mutações da subjetividade contemporânea. In: SANTAELLA, Lúcia; VIEIRA, Jorge Albuquerque (Org.). **Caos e ordem na filosofia e nas ciências**. São Paulo: Face e Fapesp, 1999. p. 206-221.

Prof<sup>a</sup>. Anelise Gorza

E-mail: [anelisegorza@terra.com.br](mailto:anelisegorza@terra.com.br)